

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN

CAMPOS DE NATAL

CURSO: CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LEILANE KARINA CAMPOS CARLOS

**PAPA FRANCISCO: O EVANGELHO DA ALEGRIA,
NUMA IGREJA TERNA**

NATAL

2015

LEILANE KARINA CAMPOS CARLOS

PAPA FRANCISCO: O EVANGELHO DA ALEGRIA NUMA IGREJA TERNA

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências da Religião.

Professor Orientador: Dr^a. Josineide Silveira de Oliveira

NATAL

2015

LEILANE KARINA CAMPOS CARLOS

PAPA FRANCISCO: O EVANGELHO DA ALEGRIA, NUMA IGREJA TERNA

Monografia apresentada a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN
como requisito parcial à conclusão do curso de Ciências da Religião.

APROVADA EM: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Josineide Silveira de Oliveira - UERN
Orientador

Avaliador Externo
Dr. Thiago Isaias Nóbrega de Lucena – UFRN

Avaliador Externo
Ms. Mônica Karina Reis - UFRN

A todos que acreditam no caminho iluminado pelo espírito da humildade e da caridade, pessoas que dedicam sua vida ao bem e a integridade do ser.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus pai que sempre me iluminou nesse caminho de descobertas.

A minha família que sempre me apoia e dá força nas decisões profissionais e acadêmicas.

A comunidade Católica *Veni Creator Spiritus* que faz parte dessa história.

A mestre, dedicada orientadora Dr^a. Josineide Silveira de Oliveira que atenciosamente prestou-me dedicação e auxílio insubstituíveis.

A todos os amigos pelo apoio, carinho, dedicação e paciência prestados nestes quatro anos de caminhada.

A Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN e a todos os seus funcionários.

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Leonardo Boff

RESUMO

Este estudo monográfico intitulado “Papa Francisco: O Evangelho da Alegria, numa Igreja Terna” tem como objetivo geral, discutir a concepção de Igreja do Papa Francisco e revelar fragmentos de sua história de vida. Trata desde sua infância até o início do seu pontificado. Adota metodologicamente uma pesquisa bibliográfica com base em documentos eclesiais, livros e internet. Traz a tona alguns desafios e contribuições que o atual pontífice Jorge Mario Bergoglio, o então Papa Francisco I, dá à Igreja Católica, e toda a sociedade. O trabalho se insere no contexto religioso, cultural e social. Papa Francisco aparece não só como líder religioso, mas também como ser influente em toda a sociedade, capaz de inspirar novas atitudes contra o preconceito, o fundamentalismo e a intolerância, atitudes necessárias para a formação de novas mentalidades atuantes em um mundo plural, de diferentes cultos e culturas.

Palavras Chave: Papa Francisco. Igreja. Modernidade. Virtudes.

RESUMEN

Este estudio monográfico titulado "Papa Francisco: El Evangelio de la alegría, una iglesia Terna" tiene como objetivo general, discutir el diseño de la Iglesia del Papa Francisco y revelar fragmentos de su historia de vida. Esto desde su infancia hasta el inicio de su pontificado. Metodológicamente adopta una literatura basada en documentos de la Iglesia, libros e Internet. Abre algunos desafíos y contribuciones que el actual Papa Jorge Mario Bergoglio , el entonces Francisco I, a la Iglesia Católica y de la sociedad . El trabajo forma parte del contexto religioso , cultural y social. Papa Francisco aparece no sólo como un líder religioso, sino también ser influyente en toda la sociedad, capaz de inspirar nuevas actitudes en contra de los prejuicios, el fundamentalismo y la intolerancia, las actitudes necesarias para la formación de nuevas mentalidades que actúan en un mundo plural, de diferente cultos y culturas.

Palabras clave: Papa Francisco. Iglesia. Modernidad. Virtudes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FRANCISCO O PAPA DO POVO.....	12
2.1 DA INFÂNCIA AO CHAMADO AO SACERDÓCIO.....	12
2.2 AVIDA SACERDOTAL.....	15
2.3 A INFLUÊNCIA DO PERONISMO.....	21
2.4 A INSERÇÃO POLÍTICA.....	22
3. IGREJA LUGAR DO ENCONTRO E DA ACOLHIDA.....	26
3.1 VIVER EM COMUNIDADE.....	26
3.2 A ERA DE FRANCISCO.....	29
3.3 UM DESEJO DE REFORMA.....	31
3.4 A VIRTUDE DA ACOLHIDA.....	33
4. PARÓQUIA ROSTO DA IGREJA.....	39
4.1 EUCARISTIA COMO ALIMENTO DA ALEGIA.....	41
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Os valores humanos estão cada dia mais distantes da humanidade, as leis superam a moral, as regras se tornam cada dia mais injustas e assim, “partimos do pressuposto de que estamos dentro de uma situação de crise, mas não de tragédia. Toda crise acrisola, decanta e liberta as energias construtivas. A crise implica transição e passagem” (BOFF, 2005, p.9). A passagem não implica demolição, mas sim restauração. É preciso mudar as regras sem perder seus valores.

Para tanto, o assunto abordado apresenta alguns desafios e contribuições que o atual pontífice Jorge Mario Bergoglio, o então Papa Francisco I, tem não só para a Igreja Católica, mas para toda a sociedade. De título; “Papa Francisco: O Evangelho da Alegria, numa Igreja Terna”.

O trabalho se insere no contexto religioso, cultural e social, tendo em vista a atuação do Para Francisco em todos os contextos da sociedade, enquanto ser religioso e político. Assim, será analisada sua influência e contribuição nesse pouco tempo de pontificado como líder religioso, tendo como objetivo geral, discutir a concepção de Igreja do Papa Francisco e revelar fragmentos de sua história de vida. Com objetivos específicos de:

- ✓ Reconhecer sua importância para a vida dos fiéis;
- ✓ Apresentar os motivos que conduzem a uma reforma de pensamento;

Deste modo, Papa Francisco, vem mostrando ou redescobrimo os valores do cristianismo, tendo em vista que, o ser humano enquanto ser transcendental procura constantemente estar em harmonia com seu ser divino. No entanto, a religião, seja ela qual for, precisa corresponder a esta expectativa. Entretanto, a religião precisa está aberta a toda humanidade, buscando valores pautados na cultura do encontro e do bem comum. Sem esses valores, a humanidade padece vivendo a margem da opressão, onde, muitas vezes, se torna tão comum no meio das igrejas. Não se busca a solidariedade, mas o benefício próprio. As funções, movimentos e pastorais estão se comportando muitas vezes como departamentos de uma empresa que busca cada dia mais crescer no lucro e na competitividade, assim, os exemplos deixados por Jesus Cristo, não se concretizam e o verbo não se faz carne.

Estamos vivendo no mundo onde existem dois paradigmas: o da conquista e o do cuidado. A conquista, desde o século XVI, vem predominando até os dias de hoje, conquistar terras, povos, tudo aquilo que for possível no planeta inteiro, e de fato, houve conquistas, mas, com muitas injustiças, o que houve, na realidade, foram devastamentos e destruições. Contrapondo a isso, vem o cuidado. O cuidado cura as feridas passadas e impede as feridas futuras, uma relação amorosa, amigável e protetora para com o ser humano. Essa atitude hoje, é fundamental! Não se trata apenas de um ato de cuidar, se trata de uma atitude permanente, uma nova forma de organizar nossa relação em sinergia para com o próximo, respeitando o tempo de cada um, protegendo seus limites e seus alcances. Francisco, vem dando exemplos de cuidado. Se não existir esse cuidado, a humanidade chegará mais próximo do abismo, por isso, o cuidado. Para tanto, seus ensinamentos que ganharam repercussões desde sua primeira aparição quando disse que “os amigos cardeais foram buscar um Papa no fim do mundo”. Sua eleição surpreendeu por ser o primeiro Papa sul-americano, depois de muitos anos de Papas somente europeus.

Quanto à metodologia, o presente trabalho será elaborado através de pesquisa bibliográfica. Tem como principal fonte alguns dos documentos eclesiais e muitos deles de autoria ou participação do Papa Francisco. Além de livros, artigos e internet.

O trabalho será dividido em três capítulos. O primeiro, apresentará fragmentos da história de vida de Jorge Mario Bergoglio desde sua infância até o início do seu pontificado. O segundo capítulo, fará uma discussão sobre o que é Igreja, o que está nos documentos e o que se vive na prática. O terceiro capítulo, abordará mais detalhadamente sobre o papel da Igreja no mundo, mostrando seus desafios e contribuições.

Para tanto, os principais teóricos deste trabalho são Leonardo Boff, Evangelina Himitian, Edgar Morin, Joseph Aloisius Ratzinger, Jorge Mario Bergoglio.

2. FRANCISCO O PAPA DO POVO

2.1 DA INFÂNCIA AO CHAMADO AO SACERDÓCIO

Em contextos pós-modernos e de constantes mudanças geográficas, políticas e econômicas, a vida diária das instituições, dos movimentos, dos grupos sociais e de toda sociedade, enfim, compartilha de forma direta dessas mudanças. A Igreja Católica vive hoje, uma época histórica de grandes escândalos, intensa evasão de fieis e o aparecimento de muitos movimentos novos que acarretam o surgimento de diversos grupos religiosos e muitas dessas mudanças. No meio delas, está o começo de um novo pontificado, que já vem revolucionando o pensamento da Igreja desde os primeiros anos de trabalho. Desde 13 de março de 2013, com a renúncia de Bento XVI, o então Cardeal Joseph Aloisius Ratzinger (2005-2013) quem comanda a Igreja Católica é o cardeal argentino foi escolhido como o novo papa da Igreja Católica, tornando-se, portanto, o primeiro papa jesuíta e o primeiro papa sul-americano da história.

Papa Francisco I, de número 266 na sucessão dos papas. Desde Gregório XII no ano de 1415, a Igreja não teve um Papa que renunciasse. É comum que haja eleição para eleger um novo papa quando este venha a falecer. Portanto, fato histórico dentro da história da Igreja.

A segunda metade do século XIII foi marcada por uma rápida sucessão de papas, 13 entre 1252 – 1296. Devido às lutas internas, tempos de fé, violência e descobertas, uma época repleta por histórias dramáticas e momentos turbulentos vividos na Idade Média o Papa celestino V ou Pedro Morrone, habilitou a renúncia papal no direito canônico, em meio ao escândalo, e Bento XVI, decide fazer uso deste direito.

Assim assume o comando da Igreja Jorge Mario Bergoglio. Nascido em 1936, em Buenos Aires, foi nomeado cardeal, em 2001, pelo papa João Paulo II. O novo papa inaugura uma nomeação que surpreendeu a muitos. Uma surpresa é o fato de ser ele um Jesuíta, ordem fundada por Inácio de Loyola no ano de 1534. Tendo em vista que, a escolha de um jesuíta simboliza uma opção pelo caráter missionário da Igreja. Se em Bento XVI, tínhamos um nome que mostrava seu desejo de trabalhar na reconstrução das bases do catolicismo, estando centrado na Europa e com foco na relação entre fé e cultura, escolher um papa jesuíta, e argentino, é o paradigma do processo de

evangelização do novo mundo. A Companhia de Jesus construiu o catolicismo na América Latina com seu trabalho missionário. A escolha desse Papa tem um cunho simbólico de uma Igreja que agora vai para o mundo com um grande apelo missionário. Com a escolha do argentino Jorge Mario Bergoglio para o cargo de líder da Igreja Católica, a Igreja entra numa fase de sua história, marcada por uma intenção missionária.

Outra surpresa foi a escolha do nome Francisco, que não constava na lista de sucessão dos papas. A escolha do nome tem relação com um dos grandes santos da Igreja: São Francisco de Assis, considerado o santo dos pobres. Bergoglio, no conjunto de seu episcopado na Argentina, foi um cardeal reconhecido por ter um grande trabalho social junto às favelas de Buenos Aires. É um papa com trabalho igualitário, apontando para valorização da ação social da Igreja.

Bergoglio, apesar de ser argentino, sua origem é italiana. Mario José Francisco Bergoglio e Regina Maria Sívori, seus pais, começaram a vida juntos em Buenos Aires. Seu pai tinha 21 anos quando embarcou e havia se formado como contador, já sua mãe sempre foi dona de casa.



Regina Maria Sivori e Mario Jose Bergoglio, pais do agora Papa Francisco, – fonte <http://g1.globo.com/mundo/novo-papa-francisco/noticia/2013/03/familia-mostra-foto-do-papa-francisco-ainda-jovem-na-argentina.html>

Conheceram-se em 1934, no Oratório Salesiano de Santo Antônio no bairro portenho de Almagro. Em 1935, se casaram e um ano mais tarde nasceu Bergoglio, em 17 de dezembro de 1936, no centro geográfico de Buenos Aires, sendo o primeiro dos

cinco filhos tidos pelo casal. Assim, depois dele vieram: Oscar, Alberto, Marta e Maria Elena (esta última é a única viva atualmente).



Família Bergoglio – Fonte: <http://historiachicobraun.blogspot.com.br/2013/03/noticia-da-semana-atualidades-papa.html>

Bergoglio recebeu seus primeiros ensinamentos cristãos de sua avó, da qual também sempre recebeu muito carinho, como relata a jornalista:

Rosa Margarida Vasallo, a avó, morava perto de sua casa. Ensinou-o a memorizar as orações e o incentivou, desde pequeno, a abraçar a fé cristã. Quando nasceram seus irmãos mais novos, o pequeno Jorge costumava passar o dia na casa dos avós, onde aprendeu a falar piemontês. (HIMITIAN, *ibid*, 2013, p. 16).

Bergoglio começou a trabalhar muito cedo, aos doze anos de idade, junto com seu pai, no escritório de contabilidade. Como italiano e imigrante, Dom Mario, seu pai sabia que a melhor herança que poderia deixar a seus filhos era a educação e o amor pelo trabalho. Esses dois conceitos foram o eixo que conduziu a vida do homem que hoje dirige a Igreja Católica.

Seus estudos foram realizados em escola pública, a Escola Técnica Industrial (hoje, *Escuela Nacional de Educación Técnica*), onde cursou seus estudos secundários, aprendendo as primeiras noções de química e física. Nessa época, já era militante religioso.

Não foi nem em química nem em futebol, nem sequer o basquete, que praticava como seu pai, as disciplinas a que dedicou mais horas durante a adolescência. Foi à literatura. Contam seus amigos que, enquanto os outros passavam correndo pela praça da rua varela, 300, para ir jogar futebol, não eram poucas às vezes em que Bergoglio parava ali, livro na mão, e ficava horas estudando, lendo. (HIMITIAN, *ibid*, 2013, p. 22).

Assim caminha o jovem Bergoglio em suas rebuscadas literatura preferidas, *Los novios* de Alessandro Manzoni e a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, um dos grandes clássicos da literatura do último milênio. “Com os anos, somou-se à sua biblioteca pessoal a obra completa de Jorge Luis Borges e de Leopoldo Marechal dois autores que admira com fervor”, afirma a escritora Evangelina Himitian. Bergoglio soube usar os clássicos com sabedoria, pois, apesar da complexidade e do rebuscamento da linguagem dos textos que lia, sua fala é simples, mas com sentido retórico profundo.

Para tanto Bergoglio terminou seus estudos secundários aos 19 anos e disse à sua mãe que queria cursar Medicina, deixando-a muito feliz com a notícia, uma vez que se tratava de um cargo elevado na sociedade daquela época. Sua mãe, porém, se decepcionou por descobrir tempos depois que ele havia mentido. Na verdade, ele queria estudar a “medicina da alma”, disse ele à mãe. Já seu pai se alegrou com a notícia. Mesmo após o ingresso de Jorge no seminário, sua mãe não conseguia digerir a notícia. Mas seguindo o desejo que estava em seu coração, em 1957 Jorge Bergoglio mudou o rumo de sua vida para sempre se tornando sacerdote, era o primeiro passo de sua longa caminhada até a Santa Sé.

Assim, Bergoglio consegue alcançar desde o coração do simples trabalhador do campo ao do intelectual da oratória, possuindo ideias pautadas na vida, por conhecer a realidade das pessoas e por buscar ir ao encontro de suas necessidades para solucioná-las. Se um homem como Francisco estivesse no comando da Igreja no tempo de Lutero, não haveria ocorrido reforma protestante, mas também não teria sido papa. Hoje, porém, a Igreja tenta se dilatar para tornar-se comunhão como um todo, já que os tempos são outros e ela não detém o poder. O que existe são verdades, e a Igreja não é dona da verdade, mas faz ou pode fazer parte de uma delas.

2.2 AVIDA SACERDOTAL

Jorge Mario Bergoglio foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969, três dias antes de completar 33 anos. Uma de suas paixões foi a Ordem dos Jesuítas, uma das principais dentro da Igreja, na qual Francisco ingressou aos 21 anos e à qual teve de renunciar, em 1992, para se tornar bispo auxiliar de Buenos Aires. Função que só foi aceita devido aos votos feito por ele (pobreza, obediência e castidade), este último ao

qual se submeteu completamente quando recebeu a notícia que tinha sido eleito pelos cardeais¹ ali reunidos no conclave².

Irmãos e irmãs boa noite! Sabeis que o dever do conclave era de dar um bispo a Roma. Parece que meus irmãos cardeais foram buscá-lo quase ao fim do mundo. Mas estamos aqui... Agradeço-vos o acolhimento da comunidade diocesana de Roma e ao seu bispo. Antes de mais nada, queria fazer uma oração pelo nosso bispo emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele. Para que o Senhor o abençoe e a Senhora o proteja. Pai nosso que estás nos céus (...). E agora, começamos esse caminho, bispo e povo, esse caminho da Igreja de Roma, àquela que preside na caridade todas as igrejas. Um caminho de fraternidade e amor, de confiança entre nós. Vamos rezar sempre por nós, um pelo outro. Vamos rezar por todo o mundo, para que exista uma grande fraternidade. Desejo que esse caminho de Igreja que hoje começamos seja frutuoso para a evangelização dessa belíssima entidade. E agora gostaria de dar a bênção, mas antes peço um favor, antes que o bispo abençoe o povo, peço que vocês rezem ao Senhor para que o povo reze para o Senhor pedindo a bênção para seu bispo. (PAPA FRANCISCO – primeiro discurso em público. 13/03/2013).

Todavia esse não era seu desejo, sua vontade era sempre estar no meio do povo, conhecendo suas realidades e lutas. Por isso, estando hoje no vaticano, tenta romper com os protocolos que o impedem de ser ele mesmo, o qual não se tornou humilde em ser Papa, mas sempre o foi durante toda a sua vida. Hoje, portanto, tenta continuar com esse caminho de simplicidade, humildade e pobreza, não em seu sentido miserável, mas no sentido de compadecimento para com a dor do outro, eis a verdadeira caridade. “Pobreza é um modo de ser pelo qual o homem deixa as coisas serem; renuncia a dominá-las e a submetê-las e a serem objeto da vontade de poder humano. Abdica de está sobre elas para colocar-se junto delas” (BOFF, 1981, p. 55).

Aos 56 anos de idade, dos quais por 32 prestou obediência à Companhia de Jesus até ser nomeado arcebispo auxiliar da Arquidiocese de Buenos Aires, ocasião em que se desculpou como deve fazer todo jesuíta. O então Papa João Paulo II, exigiu que ele aceitasse a nomeação. Sua resistência em aceitar altos cargos dentro da Igreja é o fato d’Ele querer fazer parte da vida do povo e por isso, preferia ser somente simples padre.

Franciscanos e Jesuítas têm algo em comum: sua predileção pelos pobres. Embora ideologicamente procedam de vertentes distintas, essas duas ordens, como os

¹ A denominação CARDEAL apareceu no século VI e tem o significado de “superior eminente”, de onde provém o tratamento de “eminência”. O título é conferido a alguns Bispos que funcionam como colaboradores e conselheiros imediatos do Papa, e servem como enviados, chefes de congregações e tribunais da Cúria Romana. A partir do ano 1179, o Concílio de Latrão lhes conferiu o direito de eleger o papa no Sacro Colégio.

² A palavra Conclave vem do latim cum clave, que significa com chave. É uma reunião em clausura dos cardeais, que se desligam de tudo para discernir, através da oração, qual é a vontade de Deus para quem deve assumir a Igreja como novo papa.

dominicanos e os capuchinhos, são atualmente as principais dentro da Igreja. Segundo os relatos de entrevistas com amigos de Bergoglio, como o padre Roberto Musante (que hoje está à frente da missão em Angola), Jorge Bergoglio ingressou na ordem tendo influência direta do Padre Enrique Pozzoli, da comunidade salesiana de Almagro, na basílica de Maria Auxiliadora. Este padre foi uma das principais pessoas que o influenciou em sua caminhada vocacional. Quando Bergoglio pensou em entrar para a Companhia tinha apenas 17 anos e teve que esperar mais três, ingressando no Seminário Metropolitano ao completar 21 anos.



Jorge Mário Bergoglio em sua juventude – Fonte <http://www.amoranossasenhora.com.br>

Em 11 de março de 1958, aos 22 anos, ingressou no noviciado, mais uma etapa da formação sacerdotal. Foi o primeiro passo dentro da carreira de sacerdócio, que anos depois o levaria a Roma. Vale lembrar que educar um jesuíta implica em prepará-lo para o oposto de ser Papa. Em 12 de março de 1960, fez seus primeiros votos como jesuíta, sendo transferido para o Seminário Jesuíta do Chile pouco depois.

Em uma de suas primeiras declarações como Papa, deixou claro seu pensamento acerca da Igreja: “Quero uma Igreja pobre para os pobres,” foi assim que o Papa Francisco descreveu o caminho do seu pontificado numa audiência concedida à imprensa internacional do Vaticano quando disse: “Francisco para mim é o homem da pureza, o homem da paz, o homem que toma conta de toda criação, o homem pobre. E

eu quero uma Igreja pobre para os pobres”³. O fruto desencadeante desse pensamento foi entrar em contato direto com os pobres e suas necessidades. Assim, ficou gravado em uma carta que escreveu do Chile para sua irmã Maria Elena em 05 de maio de 1960:

Nesse trecho da carta, escrita a máquina, costume que manteve até o último dia como arcebispo de Buenos Aires e cardeal primaz da Argentina, Francisco, que então tinha 23 anos, abriu seu coração. Doía-lhe a dor alheia. Sentia frio daqueles que não tinham um casaco e estremecia ao pensar que uma criança não tinha o que comer. (HIMITIAN, *ibid*, 2013, p. 40).

Em 1964 e 1965, aos 28 anos, Bergoglio chegou à Instituição de Santa Fé para ensinar Literatura, Psicologia e Arte. Depois de dois anos trabalhando nesta instituição, Bergoglio voltou para Buenos Aires e continuou lecionando por mais um ano no Colégio Máximo de San José. No dia 13 de dezembro de 1969, Bergoglio foi ordenado sacerdote. Em 1973, tornou-se autoridade máxima da Ordem Jesuíta na região, tendo apenas 36 anos e quatro como sacerdote da ordem. Em 1979, terminou seu mandato como provincial da Companhia com um gosto amargo por não ter conseguido evitar a fratura da ordem devido à politização da missão.

A opção preferencial pelos pobres, pregada no Concílio Vaticano II, pôs os menos favorecidos no centro da Igreja. Assim, ele se aproxima do conceito mais revolucionário de sua vida, “A piedade popular”, este é um tema crucial na vida do papa Francisco, ou seja, escutar o pobre para aprender. Esse é o espírito do Papa Francisco ou simplesmente bispo de Roma.



Papa Francisco – fonte / <http://www.amoranossasenhora.com.br>

³ <http://pt.euronews.com/2013/03/16/francisco-uma-igreja-pobre-para-os-pobres/>

Não é a toa que Bergoglio escolheu por nome Francisco. Francisco, simboliza um projeto de Igreja, uma Igreja simples, humilde, pautada na missão através do trabalho e o devido valor que o ser humano precisa ter: uma vida digna. Seu espírito é de reformador, no sentido de corrigir erros, de reparação, reorganização, mudança para melhor, assim, vem propondo uma correção, emenda e revisão em todos os âmbitos da Igreja incluindo e começando por ele mesmo. O conceito “reforma” entra novamente na linguagem cotidiana da Igreja católica. Vive-se na expectativa de reformas, uma nova forma de exercer o poder na Igreja, com um clima propício para o diálogo sobre as decisões a serem tomadas; há um revigoramento da ação pastoral, há mudanças profundas na administração financeira e isso acontece na esteira dos ensinamentos do concílio Vaticano II.

O concílio Vaticano II (1962-1965) significou, principalmente, um esforço coletivo de codificação da fé cristã em resposta às exigências do homem moderno; é o seu grande valor teológico. Ao mesmo tempo encerra, oficialmente, uma era da Igreja, aquela do regime de cristandade, com o tipo específico de presença cristã dentro da sociedade; é o significado de presença cristã dentro da sociedade; é o significado cultural do Concílio. (BOFF, 1981, p. 129).

Assim, o Papa Francisco, está inovando o modelo de Igreja já existente. Do mesmo modo, como fez São Francisco de Assis quando ouviu: “Francisco reconstrói a minha Igreja”.

Diante do Crucifixo, ele escuta a voz de Jesus que lhe diz: ‘Francisco, vai e repara a minha casa. E o jovem Francisco responde, com prontidão e generosidade, a esta chamada do Senhor: ‘Repara a minha casa. Mas qual casa? Aos poucos, ele percebe que não se tratava fazer de pedreiro para reparar um edifício feito de pedras, mas de dar a sua contribuição para a vida da Igreja; tratava-se de colocar-se ao serviço da Igreja, amando e trabalhando para que transparecesse nela sempre mais a face de Cristo. (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 31).

Francisco de Assis foi obediente a Igreja dos Papas no seu tempo e também é criador de uma Igreja popular. É importante dizer que São Francisco de Assis, só se tornou padre bem depois de sua caminhada junto ao povo, ele reformou a Igreja não porque tinha o poder vindo do clericalismo, ele reformou junto ao povo, aos mais excluídos e necessitados, indo de frente as injustiças vigentes da época.

São Francisco de Assis viveu na era da Igreja por excelência do *Imperium*, dos grandes senhores feudais com interesses explícitos de dominação sobre o mundo. Assim, São Francisco de Assis, se comportou não como o centro do poder, mas o centro da periferia. Não pertenceu ao quadro clerical ou ao quadro monacal. Inicia-se um movimento de base de “igrejinha”. “Pois é para a periferia que se desloca Francisco. É

da periferia que começa a falar para o centro, pedindo conversão” (BOFF, 1981, p. 137). Deste modo, São Francisco, prega uma Igreja não dos senhores ou dos maiores, mas uma Igreja dos servos, dos menores, uma Igreja que nasce na periferia. Não é atoa que sua ordem se chamará de “irmãos menores”. Francisco de Assis muda a visão de Igreja aplicando o poder do evangelho, ao invés de, o evangelho do poder.

Portanto, assim, inspirado em São Francisco de Assis, Francisco de Roma agora no poder tem em mente um tipo de Igreja que se orienta não pelo tipo de burocracia ou de força, mas cuja condução deve ser pautada na caridade, como um pastor que ama seu povo. Ele conhece a realidade do povo, porque vivia com eles, conversava, visitava, estava junto deles. Esse deve ser o verdadeiro evangelho, “estar próximo ao povo” para assim, conhecendo a realidade de cada um, chegar a sua necessidade real.

Assim como São Francisco de Assis, ouvindo a voz vinda do crucifixo “repara a minha Igreja”, Francisco de Roma, ouvindo o clamor do povo abraça também esses mesmo objetivo. Vivemos também grave crise por causa dos escândalos, internos à própria instituição eclesial. Ouviu-se o clamor universal, “reparem a Igreja que se encontra em ruínas em sua moralidade e em sua credibilidade”. Foi então que se confiou a um cardeal da periferia do mundo, Bergoglio, de Buenos Aires, a missão de, como Papa, restaurar a Igreja à luz de Francisco de Assis.

Outro ponto que seguramente terá inspirado a Francisco de Roma: a centralidade que Francisco de Assis conferiu aos pobres. Não organizou nenhuma obra para os pobres, mas viveu com os pobres e como os pobres. O Francisco de Roma, desde que o conhecemos, vive repetindo: o problema dos pobres não se resolve sem a participação dos pobres, não pela filantropia, mas pela justiça social. Esta diminui as desigualdades que castigam a América Latina e, em geral, o mundo inteiro.

A preocupação com a inclusão social dos pobres, designa, o desenvolvimento integral do sujeito, não vai ser com cestas básicas que todos os problemas irão se resolver, mas sim, proporcionar ao sujeito um ser autônomo e atuante dentro da sociedade, sem que, este perca seus valores e sua cultura. Deste modo, “precisamos crescer numa solidariedade que permita à todos os povos tornarem-se artífices do seu destino, tal como cada homem é chamado a desenvolver-se” (EVANGELII GAUDIUM, p. 157).

Portanto, Francisco de Assis, se fez sensíveis à paixão dos sofredores e aos gritos da Terra. Francisco de Roma, diferente de Bento XVI, expressão da razão intelectual, é um claro exemplo da inteligência cordial que ama o povo, abraça as pessoas, beija as crianças e olha amorosamente para as multidões. Se a razão moderna não se juntar à sensibilidade do coração, dificilmente seremos levados a cuidar da Casa Comum, dos filhos e filhas deserdados e alimentar a convicção bem franciscana de que abraçando afetuosamente o mundo, estaremos abraçando a Deus.

2.3 A INFLUÊNCIA DO PERONISMO

O Peronismo foi um movimento político ocorrido na Argentina no período de 1945 à 1955. Foi um movimento nacional justicialista, criado e liderado a partir do pensamento de Juan Domingo Perón, militar e estadista argentino, presidente daquele país, eleito em 1946, 1951 e 1973. Esse movimento transformou-se mais tarde em partido justicialista que é a força política majoritária na Argentina.

Na passagem do século XIX para o XX, a Argentina viveu um período próspero e estável, logo após o fim da ditadura de Juan Manuel Rosas. O cenário político era regido por um Estado Liberal onde os grandes proprietários de terra e a burguesia financeira equilibravam-se no controle do poder. O crescimento da economia argentina ocorria a largos passos e aproveitou-se da crise econômica europeia no início do século XX para ampliar seu parque industrial.

O desenvolvimento econômico argentino trouxe um amplo processo de urbanização que, concomitantemente, ampliou os grupos trabalhadores do país. A ascendência desse novo cenário sócio-político estremeceu o controle político das oligarquias que se cristalizaram no poder. As tensões e disputas políticas ficaram assim marcadas pelo surgimento da União Cívica Nacional, que reunia diversos grupos políticos defensores do estado democrático. A ideologia peronista, de acordo com o próprio Perón, seria a autêntica “justiça social” necessária ao povo argentino. Bergoglio sempre se envolveu com as classes mais pobres e excluídas da sociedade e, por isso, se envolveu parcialmente, como já foi dito anteriormente, “era um peronismo de base”. Os elementos paternalistas e nacionalistas de Juan Perón andavam de mãos dadas com um governo repressor que não aceitava protestos públicos e aniquilou a oposição política através de um sistema unipartidarista. Assim teria sido peronista o padre Bergoglio? Já que estava envolvido nos movimentos políticos? Segundo seu sobrinho Pablo Narvaja

Bergoglio, não. “Em função de sua tarefa pastoral, ele sempre recusou um alinhamento político. Eu poderia dizer que suas concepções o colocavam muito afim com o peronismo, mas ele nunca se embandeirou politicamente porque, se o fizesse, se setorizaria e ele era um pastor de todos” (HIMITIAN, *ibid*, 2013, p.65). Mas já seus amigos contam que ele foi sim peronista, mas um peronista de base, não justicialista. A figura de Perón é, para ele, uma figura democrática que revalorizou e instaurou a cultura da dignidade do trabalho, uma ideia muito arraigada nele por ser de família de imigrantes.

A popularidade que garantiu um segundo mandato a Perón, em 1951, não conseguiu fazer-lhe resistir à crise econômica deflagrada naquele mesmo ano. O papel intervencionista do Estado acabou gerando uma enorme dívida pública incapaz de desenvolver a indústria pesada e de bens não-duráveis. O processo inflacionário veio logo em seguida. A estagnação da economia obrigou seu governo a tomar medidas impopulares que regulavam o consumo e congelava os salários.

2.4 A INSERÇÃO POLÍTICA

O peronismo, vale lembrar, abarca desde setores da direita à setores do campo popular, passando pelo Montoneros, grupo guerrilheiro que lutou contra a ditadura nos anos 1970. Sabe-se que, nesta época, Bergoglio foi membro da Guarda de Ferro, agrupação caracterizada como de direita peronista e batizada com o mesmo nome de uma organização fascista e ultracatólica fundada na Romênia em 1927. Nas palavras de Fortunato Mallimaci, sociólogo e um dos maiores especialistas em sociedade e religião da Argentina, Bergoglio foi “um sacerdote com inserção política, socializado na cultura católica, popular e nacionalista de forte caráter estatista, militar e peronista”. Diante da falta de dados sobre a sua adesão ideológica, em seu estilo é possível encontrar explicações aos cartazes que se espalharam pela cidade de Buenos Aires após sua eleição.

Falando de ideologia, a sua maior preocupação foi com os pobres, que irrompeu no catolicismo nos anos de 1970, construía um caldo de cultura em que se poderia misturar qualquer ideologia. Isso poderia levar à desvirtuação de algo que a Igreja havia pedido no concílio vaticano II e vem repetindo desde então: abraçar o caminho justo para responder a uma exigência evangélica absolutamente inescapável, central, como a preocupação com os pobres. Houve desvio de objetivos, mas também houve milhares de

agentes pastorais, além de sacerdotes, religiosos, laicos, jovens maduros e velhos que se comprometeram com a Igreja. O perigo de uma infiltração ideológica foi desaparecendo à medida que foi crescendo a consciência sobre uma riqueza muito grande de nosso povo: a piedade popular. Não se pode desprezar o evangelho inculturado nos diferentes povos. Assim, a piedade popular designa que:

Cada povo é o criador da sua cultura e protagonista da sua história. A cultura é algo dinâmico, que um povo recria constantemente, e cada geração transmite à seguinte um conjunto de atitudes relativas às diversas situações existenciais, que esta nova geração deve reelaborar frente aos próprios desafios. O ser humano “é simultaneamente filho e pai da cultura onde está inserido”.⁴ Quando o evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como enculturação. (...) Aqui ganha importância a piedade popular, verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. (EVANGELLI GAUDIUM, p. 104).

A piedade popular é um preciosíssimo tesouro da Igreja Católica, porque a fé não pode ser uniformizada em uma teologia sistemática, a fé ultrapassa essas barreiras e é sistematizada na própria cultura presente em cada povo, em cada comunidade. Assim, à medida que os agentes pastorais descobrem mais a piedade popular, a ideologia vai caindo, porque se aproximam do povo e de sua problemática com uma hermenêutica real, extraída do próprio povo.

Para tanto, o projeto de vida de Francisco foi marcado pela dedicação para com o povo, o povo das periferias, o povo esquecido. Não é à toa que em sua vinda ao Brasil, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no ano de 2013, tenha escolhido para visita uma das comunidades mais pobres e excluída da sociedade carioca, a Comunidade de Varginha, situada na zona norte do Rio de Janeiro. Ela foi eleita para representar todas as demais comunidades do Brasil já que “o Brasil é tão grande! Não é possível bater em todas as portas!”⁵. Seu desejo era esse, bater em cada porta e tomar aquele cafezinho. O olhar particular e fraterno repercute em toda sua vida desde ainda padre: sua preferência pelos pobres, sua humildade, seu despojamento. Sua relação com os que sofrem e sua vocação de levar a igreja às fronteiras que perpassa as condições geográficas e chega ao sentido de sua própria existência. Tornar-se um para com o outro e estar próximos e unidos pela força do evangelho que é amor, alegria e acolhida.

É importante saber acolher; é algo mais bonito que qualquer enfeite ou decoração. Isso assim porque quando somos generosos acolhendo uma pessoa e partilhamos algo com ela - um pouco de comida, um lugar na nossa

⁴ João Paulo II, Carta enc. *Fides et ratio* (14 de Setembro de 1998), 71: AAS 91(1999), 60.

⁵ Papa Francisco no Brasil. Viagem Apostólica ao Rio de Janeiro por ocasião da XXVIII Jornada Mundial Da Juventude. Rio de Janeiro 2013

casa, o nosso tempo - não ficamos mais pobres, mas enriquecemos. (PAPA FRANCISCO NO BRASIL, JMJ, *ibid*, 2013, p. 29).

O enfeite do coração, da casa, da Igreja, na visão de Francisco, passa a ser a acolhida com seu olhar particular e fraterno. A necessidade de cada um é seu campo de missão. O seu olhar tem várias direções e uma única meta: chegar ao mais profundo do ser humano, no mais profundo de sua existência para assim alcançar seu coração. Somente quando se é capaz de compartilhar, é que se enriquece de verdade. Tudo aquilo que se compartilha, se multiplica! A partilha do abraço, da comida, do sorriso, tudo isso deve fazer parte da vida de todo sujeito.

“Dai-lhe vós mesmo de comer” (Mt 14,16), essa frase segue esses três passos; segmento, comunhão e partilha. Essa passagem se refere à multidão de famintos com a qual o mestre Jesus se encontrava e meio à qual escolhe os doze apóstolos para estar com ele nas diversas situações concretas do mundo; e a multidão o segue e escuta o que Ele fala, agindo de modo novo com a autoridade de quem é autêntico e coerente, de quem fala e age com verdade.

Jesus tinha a vida nas ideias e as ideias na vida como diz Edgar Morin (2005). Assim como o padre Bergoglio, como prefere ser chamado, faz hoje com a Igreja. Ele sempre foi assim desde o simples padre da Argentina do Bairro das Flores. Suas ideias são concretas como as de Jesus. Ele fala quando já pensa em agir ou fala quando já têm agido. Sua proximidade com o povo nas ruas lembra essa multidão que seguia Jesus. Seguir Jesus significa sair de nós mesmos para ir ao encontro dos mais necessitados. Sair do comodismo e fazer da vida não uma posse pessoal, mas uma doação aos outros “pois é dando que se recebe”⁶. De onde nasce o convite que Jesus faz aos discípulos de dar, eles mesmos, de comer à multidão? “É preciso lembrar das necessidades dos outros”, lembra Francisco em suas homilias. Francisco ainda lembra uma palavra: solidariedade. Essa deve ser o fundamento do “dai vós mesmos de comer”. Se não houver a solidariedade, jamais tal ato poderá acontecer. Pois somente na partilha e na doação nossa vida será fecunda, dará frutos, segmento, comunhão e partilha. Francisco vem seguindo esses passos na sua caminhada de discípulo de Jesus.

Assim caminha o atual Papa, que ninguém esperava chegar à Cátedra de Pedro, a propósito, nem ele mesmo. Agora, o destino da Igreja está em suas mãos. Suas ideias já caminham um tanto mais para um sentido pastoral do que doutrinal, tendo em mãos a missão de primeiro reestruturar a Igreja, para depois aplicar seus possíveis planos pastorais. A reestruturação passa por questões delicadas, principalmente no âmbito

⁶ Oração de São Francisco de Assis. Santo frade católico da Itália.

familiar. Conservadoristas ignoram suas práticas inovadoras para uma Igreja marcada por fechamento e exclusão, vindos de uma doutrina que para muitos é ultrapassada e retrógrada. Bergoglio tem muito a percorrer e muito a mostrar.

Diante disso, fez um apelo às pastorais e movimentos quando esteve aqui no Brasil: “Decididamente pensemos a pastoral a partir da periferia, daqueles que estão mais afastados, daqueles que habitualmente não frequentam a paróquia. Também eles são convidados para a Mesa do Senhor” (FRANCISCO, JMJ, 2013, p.52). Seu pensamento foi sempre inclusivo. É preciso conhecer de perto a realidade de cada um e, para isso, contar com o apoio da Igreja em geral – bispos, padres, religiosos e religiosos e leigos. Assim, a Igreja se enxerga como totalidade do povo de Deus que, portanto, não se resume em hierarquias que pode submergir essa totalidade.

Ele foi eleito Papa pelos cardeais reunidos em Conclave. Ao invés de sentar no trono papal para receber os cumprimentos, Francisco ficou de pé para receber as saudações dos cardeais que o elegeram. O contato com o povo é a marca de sua vida missionária cujo lugar preferido era as ruas.

Sua missão não deixa de ser também ideológica e política. “A política é uma atividade nobre. É preciso valorizá-la, exercendo-a com vocação e uma dedicação que exige testemunho, martírio. Ou seja, morrer pelo bem comum.” Disse Bergoglio em uma homilia em junho de 2004.

3. IGREJA LUGAR DO ENCONTRO E DA ACOLHIDA

3.1 VIVER EM COMUNIDADE

A vivência comunitária está cada dia mais desafiadora, cresce o individualismo e assim as chances de crescer e se desenvolver em comunidade se torna cada dia mais difíceis. A Igreja como comunidade é um lugar de acolhida e comunhão fraterna, onde todos os homens e mulheres podem conviver, trocar experiências e viver em harmonia, proporcionando assim o encontro com o sagrado.

“Igreja não é monarquia, Igreja não é democracia, também não é aristocracia, Igreja é comunhão” (Dom Beni⁷). A comunhão se torna visível quando se vive em comunidade. Portanto, “a Igreja é comunidade! A comunidade torna visível a Igreja. Tendo em vista que a Igreja tem início com a pregação da Boa - Nova, o Reino de Deus manifestado nas pessoas, obras e na presença de Cristo”. (COMUNIDADE DE COMUNIDADES: Uma nova paróquia – 100 CNBB p. 7). Portanto, essa é a eclesiologia do Concílio Vaticano II⁸ ou seja, a visão de Igreja do referido Concílio, uma Igreja para além das portas da Igreja, uma Igreja comprometida com o bem comum, Igreja comunidade de fieis.

Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia foi o tema central da 51ª assembleia geral ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, realizada em Aparecida-SP, dos dias 10 a 19 de abril de 2013. A cada conferência é originado um documento para ser estudado e aplicado em todas as paróquias e dioceses. A Comissão de redação do Documento contou com a colaboração de assessores, bispos e leigos, sendo presidido pelo arcebispo de Manaus (AM), dom Sérgio Castriani, em 2013, durante a 51ª Assembleia Geral da CNBB, os bispos tinham aprovado o Estudo 104 “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”. O texto foi enviado aos regionais e dioceses para que refletissem e enviassem suas contribuições, colaborando, assim, para essa nova versão.

Tal tema é fundamental para discutir questões vigentes dentro da Igreja, já que as paróquias e as comunidades eclesiais são expressão visível, abrangente e consolidada

⁷ Dom Beni, foi nomeado bispo da Diocese de Lorena no dia 26 de abril de 2006, pelo então Papa Bento XVI. E em janeiro de 2012, apresentou seu pedido de renúncia à Santa Sé, em conformidade com o cânon 401, parágrafo 1o, que prescreve a renúncia do bispo ao completar 75 anos.

⁸ Foi uma série de conferências realizadas entre 1962 e 1965, consideradas o grande evento da Igreja Católica no século 20. Com o objetivo de modernizar a Igreja e atrair os cristãos afastados da religião, o papa João XXIII convidou bispos de todo o mundo para diversos encontros, debates e votações no Vaticano.

da presença da Igreja na sociedade. Presentes num território delimitado, as paróquias e suas comunidades são importantes e essenciais instrumentos para a missão evangelizadora da Igreja. A paróquia tem base sólida no Código de Direito Canônico, que lhe dá consistência e respaldo, considerando, dentro da Igreja diocesana, o território onde ela está instalada e constituída, onde seus equipamentos (a igreja matriz, capelas e outros) são edificadas e o lugar onde o povo de Deus se congrega.

Já o Documento de Aparecida, resultado da 5ª Conferência do episcopado latino-americano (realizada em 2007, com abertura feita pelo Papa Bento XVI), fala da necessidade de renovação, revitalização e mesmo transformação das estruturas da Igreja, a começar pela Paróquia. Fala do esforço a ser empreendido para superar uma pastoral de manutenção e da necessidade de uma conversão pastoral.

Para se ter um acompanhamento histórico, vale lembrar que a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano fora realizada no Rio de Janeiro de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, no Colégio Sacré Coeur. A reunião eclesial foi convocada por iniciativa direta da Santa Sé. O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a CNBB, que havia sido criada em 1952 e teve como seu primeiro secretário, nesse período, Dom Hélder Câmara.

A Conferência do Rio de Janeiro (1955), teve como objetivo central de seu trabalho o problema fundamental que aflige nossas nações, a saber: a escassez de sacerdotes.

A Conferência estimava que a necessidade mais premente da América Latina é o trabalho ardoroso, incansável e organizado em favor das vocações sacerdotais e religiosas, e faz, portanto, fervoroso chamado a todos, sacerdotes, religiosos e fiéis, para que colaborem generosamente numa ativa e perseverante campanha vocacional. (CELAM. Episcopado Latino Americano Conferencias Generales. Rio de Janeiro, Medellin, Puebla, Santo Domingo, 1993).

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizou-se em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II” (CNBB. Santo Domingo IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, 1993). A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina. Medellín apresentou-se como uma

recepção do Concílio Vaticano II na América Latina e foi nesta conferência que a Igreja adotou a opção preferencial pelos pobres, já que aqui estava no auge da teologia da libertação.

A Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de Los Angeles, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Sob o tema: "Evangelização no presente e no futuro da América Latina". O pontífice Paulo VI assinalou que ela seria celebrada de 12 a 18 de outubro de 1978, mas o seu falecimento e o breve pontificado do Papa João Paulo I fizeram com que a Conferência fosse adiada, até ter lugar de 28 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Participaram 356 delegados, sendo previstos inicialmente 249, dos quais 221 eram bispos. Paulo VI apontou como documento de referência a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de 1975, na qual o pontífice analisava o que é evangelizar, qual é o conteúdo e quem são os destinatários da evangelização, quem são seus agentes, e que espírito deve presidi-la.

A Quarta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, no período de 12 a 28 de outubro de 1992. João Paulo II a convocou oficialmente no dia 12 de dezembro de 1990, estabelecendo como tema: "Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã", sob o lema: "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre" (Hb 13,8). A Conferência de Santo Domingo marcava-se no contexto da celebração dos 500 anos do início da evangelização no Novo Mundo. Ela teria três objetivos: celebrar Jesus Cristo, ou seja, a fé e a mensagem do Senhor crucificado e ressuscitado; prosseguir e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla; definir uma nova estratégia de evangelização para os próximos anos, respondendo aos desafios do tempo. Entre bispos, peritos e convidados participaram cerca de 350 pessoas. Destas, 234 eram bispos com direito a voto.

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007.

Para tanto, o Papa Francisco participou ativamente da V conferência geral de Aparecida no ano de 2007, onde hoje ele pretende passar para o mundo inteiro a proposta de Aparecida, no qual foi um dos redatores do texto final do sínodo. A proposta de Aparecida foi: incentivar a formação de discípulos e missionários (129-153), chamados a viver em comunhão (154-183), processo de formação (276-346),

missão a serviço da vida plena. Assim sendo, seu projeto de Igreja já tinha sido iniciado desde a conferência de Aparecida em 2007, o projeto de Igreja como uma rede de comunidade e por isso, a paróquia tem um papel fundamental para este desenvolvimento.

Uma paróquia comunidade de comunidades é dinâmica, missionária. Ela necessita de uma conversão pastoral como nos lembra do o Documento de Aparecida.⁹ Novo espírito, novo ardor, novas dinâmicas, pois a sua missão é “transmitir uma herança. (...) Para transmitir a herança é preciso entregá-la pessoalmente, tocar a pessoa para quem você quer doar, transmitir essa herança” (PAPA FRANCISCO, JMJ, 2013, p. 4).

3.2 A ERA DE FRANCISCO

Deste modo, o Papa Francisco está inaugurando o terceiro milênio na Igreja Católica. Tendo em vista que o primeiro milênio foi a Igreja comunidade, onde todos viviam em comunhão e tinham tudo em comum, o segundo foi a Igreja monarquia, o papa era o poder máximo e central da Igreja, criando assim, obstáculos praticamente intransponíveis para o diálogo ecumênico para com as outras igrejas. Não foi assim no começo. A Igreja era uma comunidade fraternal. Não havia ainda a figura do Papa. Quem comandava à Igreja era o Imperador, ele era o Sumo Pontífice (Pontifex Maximus) e não o bispo de Roma ou de Constantinopla, as duas capitais do Império. Assim o imperador Constantino convocou o primeiro concílio ecumênico de Nicéia (325) para decidir a questão da divindade de Cristo. Ainda no século VI, o imperador Justiniano, que refez a união das duas partes do Império, a do Ocidente e a do Oriente, reclamou para si o primado de direito e não o do bispo de Roma. No entanto, pelo fato de em Roma estarem as sepulturas de Pedro e de Paulo, a Igreja romana gozava de especial prestígio, bem como o seu bispo que, diante dos outros, tinha a “presidência no amor” e o “exercia o serviço de Pedro” o de “confirmar na fé” e não a supremacia de Pedro no mando.

Tudo mudou com o Papa Leão I (440-461), grande jurista e homem de Estado. Ele copiou a forma romana de poder que é o absolutismo e o autoritarismo do Imperador. Começou a interpretar em termos estritamente jurídicos os três textos do Novo Testamento atinentes a Pedro: Pedro como pedra sobre a qual se construiria a

⁹ Cf. Documento de Aparecida, n. 365 – 372.

Igreja (Mt 16,18), Pedro, o confirmador da fé (Lc 22,32) e Pedro como Pastor que deve tomar conta das ovelhas (Jo21,15).

Francisco vem inaugurar o terceiro milênio da Igreja Católica com uma visão de Igreja como uma rede de comunidades mundiais não uniformizadas com a “roupa de Roma”, mas com o evangelho inculturado, assim todas as culturas passam a ser importantes e essenciais para o diálogo e crescimento da mesma.

Um fato importante é que o Papa Francisco se apresenta como bispo de Roma e não como papa. Um papa é o título dado ao Bispo e Patriarca de Roma, supremo líder espiritual da Igreja Católica Apostólica Romana, e chefe do Estado da Cidade do Vaticano. O Sumo Pontífice exerce também um poder político como Chefe de Estado da Cidade do Vaticano, donde detém os poderes legislativo, executivo e judicial. A palavra bispo vem da palavra grega que significa supervisor ou superintendente. Em (1 Pedro 2,25), se refere ao Senhor. Várias outras passagens usam essa palavra para descrever a responsabilidade de homens escolhidos para guiar os discípulos de Cristo no seu trabalho na igreja (Atos 20,28; Filipenses 1,1; 1 Timóteo 3,2; Tito 1,7).

Assim sendo, ele prefere ser bispo porque é aquele que conduz, que mostra um caminho e não um homem divino que dá ordens e condena. Portanto, vem mostrar que o pastoreio é indispensável para o crescimento e manutenção da comunidade. Também quando se referiu a Ratzinger se reportou como bispo e quando se tornou cardeal na Argentina não gostava que o chamassem de cardeal, mas sim, simples padre. Assim sendo, a hierarquia da Igreja deixa de ser centralizada e o povo começa a ser o centro. De tal modo vem inaugurar um estilo novo vindo da fonte inspiradora de São Francisco de Assis, cuja espiritualidade era rebuscada no povo simples.

São Francisco no século XVIII, no contraponto da Igreja imperial, criou um caminho alternativo junto com os pobres, os doentes, chamando a todos de irmãos e irmãs. Ele vivia um evangelho que nasce de baixo na linguagem popular. Portanto, também faz menção ao pontificado do Papa João XXIII, no qual a herança que ele nos deixou, é que a Igreja é de todos, mas principalmente dos pobres, porque são eles que nos atualizam à Paixão de Cristo e, no entanto, precisam ser socorridos para que possam viver. Não se trata, portanto, de riqueza porque ela não é o oposto da pobreza, o seu oposto é a justiça e esse é o discurso de Bergoglio com as autoridades governamentais. O seu suposto envolvimento na política da Argentina no período da ditadura militar, foi à luta pela igualdade de classes e a defesa dos mais pobres e oprimidos da sociedade.

Assim, para o Papa Francisco a chave de seu pontificado é uma Igreja pobre para os pobres, no entanto, um de seus grandes desafios foi enfrentar a cúria romana¹⁰ onde se concentra ou se concentrava a força da Igreja. Agora com o seu projeto, o povo é o centro da Igreja como proposto no Concílio Vaticano II “Igreja centralidade do povo de Deus” e que, portanto, a Igreja não é Roma, não se pode se concentrar em Roma, lá é apenas umas das muitas Igrejas espalhadas pelo mundo e cabe a cada representante cuidar de seu rebanho.

3.3 UM DESEJO DE REFORMA

Para início de reforma nos primeiros meses do seu pontificado o Papa Francisco elegeu oito cardeais vindos dos cinco continentes formando o chamado G8 para discutir uma reforma na administração da Igreja, portanto na cúria, inaugurando uma nova forma de consultoria na Igreja. Os cardeais ficaram reunidos em três dias de reuniões em que oitenta documentos foram apresentados ao Papa. Os cinco cardeais estudaram a constituição apostólica *Pastor Bonus*¹¹ promulgada por João Paulo II em 1988, que permitiu as últimas mudanças na cúria romana e vão propor reforma na cúpula da Igreja. Bergoglio acusou a cúria de vaticanocêntrica na qual propõe uma Igreja descentraliza e em comunhão com todas as Igrejas do mundo. Para tanto, a Igreja não deve ser burocrática ou doutrinária - mas missionária, alegre e aberta aos leigos. Essa reforma tornará as questões mais claras no que se diz respeito à questão financeira, da qual, veio à tona com o *vatileaks*¹², a maior facilidade de fazer um balanço financeiro, elaboração de orçamentos anuais, portanto, muda-se a questão administrativa e financeira do vaticano, descentraliza o poder, afirmando:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar as próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos vivemos sem a força, a luz e a consolação da

¹⁰ A Cúria Romana é o órgão administrativo da Santa Sé, constituído pelas autoridades que coordenam e organizam o funcionamento da Igreja Católica. É geralmente visto como o governo da Igreja. Cúria no latim medieval significa "corte" no sentido de "corte real", pelo que a Cúria Romana é a corte papal, que assiste o Papa nas suas funções.

¹¹ Sobre a cúria romana.

¹² O *Vatileaks* é um escândalo envolvendo documentos secretos que vazaram do Vaticano, que revelam a existência de uma ampla rede de corrupção, nepotismo e favoritismo relacionados com contratos a preços inflacionados com os seus parceiros italianos.⁴ Este termo foi usado pela primeira vez pelo porta-voz do Vaticano, Federico Lombardi, em comparação com o fenômeno Wikileaks.

amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. (EVANGELII GAUDIUM, *ibid*, p.42)

Dessa forma, é preciso sair e ultrapassar as periferias existenciais viventes na sociedade. Esse é um dos trabalhos primeiro do Papa Francisco já que, a *periferia existencial* não é um bairro, uma rua, uma cidade ou outro tipo de espaço na cidade ou no campo. Ela é o vazio da vida, é a falta de sonho, de utopias, de esperança. Lamentavelmente o mundo está cheio de periferias existenciais. A sociedade está cheia de periferias existenciais. A sociedade está cheia de pessoas que tem casas confortáveis, cheias de móveis, com geladeiras cheias de comida, com dinheiro no banco, com carro e coisas semelhantes. No entanto, essas mesmas pessoas não são felizes, vivem uma vida vazia, sem sonhos, sem projetos que possam dar um sentido maior a vida. Muitas vezes, essas mesmas pessoas, para poderem suportar o vazio da vida e do cotidiano, precisam recorrer a algum tipo de vício ou de experiência traumática, como por exemplo, o uso de drogas, o excesso de bebidas alcoólicas, de remédios antidepressivos e coisas semelhantes.

Para tanto, o Papa Francisco convoca os homens e mulheres de boa fé a irem combater a pobreza material, dentro das periferias materiais. No entanto, ele adverte que se as periferias existenciais não forem alcançadas, se a pobreza existencial, a falta de sonho e de esperança, não for combatida, muito provavelmente a pobreza material irá crescer e se multiplicar. Por isso, o apelo da vivência de comunidade vinda dos primeiros cristãos, “eles partilhavam tudo entre si”. Viviam uma espiritualidade espontânea e profunda.

É uma alerta, portanto, a Igreja fecha-se na religiosidade com seus dogmas e normas em vez de abrir-se a espiritualidade. Assim, temos por definição a espiritualidade como: “Relação com o sagrado ou o transcendente (Deus, poder superior, realidade ultima) (Koenig *et al.*, 2001). E religiosidade sendo “Sistema organizado de crenças, praticas e símbolos desenvolvidos para facilitar a proximidade com o sagrado ou transcendente”. (Koenig *et al.*, 2001). Ambos os termos são parecidos e um não pode submergir o outro, mas sim devem se completar. Deste modo a religiosidade deve está dentro da espiritualidade de cada realidade de comunidades, povos e culturas, estando a espiritualidade particularmente dentro de cada ser humano, religioso ou não.

Assim, é preciso viver o sentido da verdadeira comunidade, àquela onde partilhavam tudo em comum, tendo em vista que:

Aprofundou-se a ideia de fraternidade cristã, de tal forma que as comunidades sentiam-se responsáveis umas pelas outras. Os membros da comunidade se tratavam como irmãos e se distinguiam dos costumes pagãos. O sentimento de irmandade se expressava no cuidado e na assistência a todos que necessitavam de auxílio, especialmente viúvas, desempregados, presos, órfãos, velhos e doentes. (COMUNIDADE DE COMUNIDADES, p. 64).

O cuidado de uns para com os outros é essencial para a manutenção da Igreja comunidade. “Vejam como eles se amam”, assim viviam os primeiros cristãos.

Assim, ninguém ficava excluído e a Igreja se tornava comunidade onde se vive a comunhão fraterna e a partilha. Partilha dos costumes, das crenças, da fé e principalmente da vida. A importância de conhecer uns aos outros gera a confiança, o sentimento fraternal e humano. Assim uns ajudam aos outros para a vivência concreta da fé pessoal de cada um.

Portanto, a Igreja sendo lugar da abertura e do acolhimento, proporciona o encontro entre a ação de Deus e a atuação humana, que apesar de viver na história e no tempo, destina-se à eternidade e que deveria ser a grande missão da Igreja buscar desenvolver a cultura da proximidade e do encontro.

3.4 A VIRTUDE DA ACOLHIDA

Todos nós sentimo-nos bem quando somos bem acolhidos. Como é importante acolher e acolher bem. A vivência dessa prática no cotidiano nem sempre acontece. Somos levados muitas vezes ao desprezo e repugnância daquilo que não gostamos ou achamos diferente. Muitas vezes católicos migram para outras religiões porque se sentem mais acolhidos e notados. A acolhida não se resume a um grupo de pessoas que ficam na porta da Igreja distribuindo um papelzinho. A acolhida começa pelo olhar sem julgamento, pelo abraço sem desprezo e pelo ombro amigo disposto a enxugar suas lágrimas e mostrar um novo caminho, uma nova esperança.

“São valores que movem os seres humanos. São virtudes que transformam as práticas para que sejam benfazejas à vida dos seres humanos e da terra, nossa casa comum” (BOFF, 2005). Segundo o dicionário de filosofia (2001), "Virtude" (do latim "virtus" que significa força viril) designa o poder de uma coisa para produzir determinados efeitos. Em termos filosóficos, a virtude designa um conjunto de características que contribuem para que o indivíduo tenha uma vida boa, nomeadamente

a sabedoria, a coragem, a temperança e a justiça (as chamadas "virtudes cardeais"). Quanto à Aristóteles, este define a virtude como aquilo que completa de forma excelente a natureza de um ser: enquanto para um pássaro a virtude pode ser o voar depressa, para o Homem a virtude será agir conforme a razão. A virtude não é aquilo que nos torna mais felizes, mas aquilo que nos torna dignos de ser felizes. Assim a virtude da acolhida é a primeira de todas as outras virtudes.

Sem a acolhida não há amizade, confiança e respeito. É através da acolhida que conseguimos abraçar o outro de verdade. A acolhida ultrapassa sorrisos, ou um “seja bem vindo”, ela é a condição de ser de alguém que se sente amado por aquilo que é, enquanto ser humano, enquanto pessoa. A virtude da acolhida é necessária à condição humana. Como veremos em um dos mitos mais belos da tradição grega, o mito de Báucis e Filêmon ¹³ trazido pelo poeta romano Públio Ovídio (43-37 d.C.).

Certa vez Júpiter, pai-criador do céu e da terra, e seu filho Hermes, princípio de toda comunicação – donde vem a palavra hermenêutica -, resolveram disfarçar-se de pobres. Decidiram, sob esta forma, vir ao reino dos mortais para ver como ia a criação que havia posto em marcha. Júpiter depôs toda sua glória e Hermes desfez-se das duas asas, seu símbolo maior e de todos os demais adornos. Pareciam realmente pobres andarilhos das estradas.

Passaram por muitas terras e encontraram muita gente. Pediam ajuda a uns e a outro. Ninguém lhes estendia a mão. Recebiam maus – tratos e ouviram palavras ofensivas. Várias vezes foram afastados das portas com violência. Muitos sequer os olhavam. Era o que mais lhes doía: não serem sequer olhados, como se fossem cães lazentos de casas abandonadas. Por isso, passaram fome e toda sorte de privações.

Depois de muito peregrinar e sentirem-se alijados por todos, o que mais desejavam era água fresca para beber, um prato de comida quente, aliviar os pés com água morna e uma cama para repousar os corpos. Sonhavam com a hospitalidade mínima!

Até que um dia chegaram à Frígida, província das mais longínquas e pobres do Império Romano, lugar para onde eram desterrados rebeldes e criminosos. Aí vivia um casal muito pobre. Ele se chamava Filêmon, em grego, “amigo e amável”, e ela Báucis, “delicada e terna”.

Sobre uma pequena elevação construíram sua choupana rústica, porém muito limpa. Foi lá que, ainda jovens, uniram seus corações. O intenso amor tornava leve a pena. Viviam em grande paz e harmonia, pois faziam tudo juntos, um auxiliando sempre o outro. Quem mandava era também quem obedecia. Estavam já velhinhos, cansados de trabalhos e de dias.

Eis que chegaram à choupana Júpiter e Hermes, disfarçados de pobres mortais. Bateram à porta. Qual foi a surpresa deles quando o bom velhinho Filêmon, sorridentemente, apareceu à porta. E sem muito reparar foi logo dizendo: Forasteiros, vocês devem estar muito cansados e com fome. Venham, entrem em nossa casa. É pobre, mas está pronta para acolhê-los.

¹³ Esta é uma tradução livre retirado do livro *Virtudes para outro mundo possível*. Hospitalidade: Direito e deveres de todos do teólogo Leonardo Boff.

Os imortais tiveram que abaixar-se para entrar. Dentro sentiram a boa irradiação da acolhida e da hospitalidade. Báucis, a “delicada e terna”, logo se apressou em oferecer duas cadeiras, na verdade, dois tamboretos de madeira rústicos. E foi buscar água fresca da fonte, atrás da choupana.

Filêmon, por sua parte, começou a reanimar o fogo da noite, quase apagado. Soprou as cinzas. Tomou raminhos finos e pedaços de lenha maiores, colocou-os por sobre as brasas ardentes e ajeitou a panela com água para aquecer. Dentro de pouco a água já estava morna.

Báucis com seu avental remendado começou a lavar os pés de Júpiter e de Hermes, jogando água morna pelas pernas até perto do joelho para que se aliviassem de verdade.

Filêmon foi à horta atrás da choupana e colheu algumas folhas e legumes, enquanto Báucis tirava do alto, onde estava pendurado numa vara, o último pedaço de toucinho que restara. Estavam até pensando em sacrificar o único ganço que tinham, aquele que guardava a pobre choupana. Mas os imortais o impediram com determinação. Seus olhos, entretanto, se encheram de lágrimas de comoção.

Numa panela de barro, bem antiga, cozinharam os legumes com toucinho. Um cheiro bom de comida caseira se espalhavam pela choupana a ponto de fazer salivar Júpiter e Hermes, mortos de fome.

Báucis tomou do azeite turvo e grosso que eles mesmos faziam, e o deitou por sobre a sopa. Grande olhos de azeite espreitavam na superfície. Depois que tirou a panela, tomou alguns ovos e os meteu sob cinza quente. Filêmon se lembrou do vinho que jazia numa vasilha escura e empoeirada no canto da casa, guardado como remédio. Havia sobrado ainda alguns pedaços de pão do dia anterior. Aqueceram-nos na borda do fogão.

A hospitalidade e a aura benfazeja dos bons velhinhos fez esquecer a demora. E de repente tudo estava sobre a mesa em pratos limpos.

‘Queridos hóspedes, vamos comer, pois vocês o merecem depois de tantas canseiras. Perdoem a simplicidade e a pobreza da cozinha’.

E para não constrangê-los, Báucis e Filêmon, embora tivessem já comido, sentaram-se também à mesa para cear com eles.

Todos comeram à saciedade numa conversa animada e respeitosa.

Em seguida, Báucis e Filêmon se levantaram, tiraram nozes, figos secos e tâmaras de um baú, suporte dos pratos e das velas, e os serviram como sobremesa.

Por fim, os dois velhinhos ofereceram a própria cama, a única que havia na choupana, para dormirem. Juntos puseram-se logo a arrumá-la. Colocaram lençóis limpos, embora visivelmente gastos. Estenderam por sobre o leito uma cobertura de honra, um velho tapete que guardavam para festas. Júpiter e Hermes não se aguentavam de comoção. Lágrimas brotaram em seus olhos.

Instados a recolher-se, Júpiter e Hermes se dirigiram para a cama. Eis senão quando sobreveio grande e inesperada tempestade. Raios e trovões iluminaram a choupana e ribombava pelo vale a fora. Num instante as águas subiram ameaçando pessoas e animais.

Desculpando-se junto aos Imortais, Báucis e Filêmon se levantaram apressadamente para ir socorrer os vizinhos.

Foi então que ocorreu a grande metamorfose. Repentinamente a tempestade cessou. E num abrir e fechar de olhos a choupana foi transformada num luzidio templo de mármore. Colunas em estilo jônico enfeitavam a entrada. O

teto de ouro reluzia como o sol recém-saído das nuvens. Júpiter e Hermes finalmente mostraram quem eram, divindades no pleno esplendor de sua glória.

Filêmon e Báucis ficaram estarrecidos, cheios de alegria e ao mesmo tempo de temor reverencial. Puseram-se de joelhos, inclinando a cabeça até o solo em sinal adoração.

Júpiter, senhor do céu e da terra, do sol e dos ventos, depois de ter aplacado a tempestade, bondosamente, disse:

- ‘Amigo e amável’ Filêmon, ‘delicada e terna’ esposa Báucis, façam um pedido que eu, Júpiter, em agradecimento, quero atender.

Báucis inclinou-se para Filêmon e colocou a cabeça encanecida sobre seu peito. E, como se tivessem previamente combinado, disseram unissonamente:

- O nosso desejo é de servir-vos nesse templo por todo o tempo que nos resta de vida.

E Hermes acrescentou:

- Eu também quero que façam um pedido para que eu, Hermes, o possa realizar.

E eles, novamente, como se tivessem combinado, sussurraram conjuntamente:

- Depois de tão longo amor e tanta concórdia, gostaríamos de morrer juntos. Assim não precisaríamos cuidar da tumba um do outro.

Seus votos foram ouvidos e receberam a promessa de cumprimento.

De fato, Filêmon e Báucis, os esposos hospitaleiros, serviram por muitos e muitos anos no templo, pelo tempo em que durou sua respiração.

Certo dia, sentados à tardinha no átrio, recordavam a história do lugar, de como, sem saber, hospedaram os deuses em sua choupana. Nesse momento filêmon viu que o corpo de Báucis se revestia de ramos e flores, da cabeça aos pés. E Báucis viu também que o corpo de filêmon se cobria todo de folhagens verdes. Mal puderam balbuciar juntos o derradeiro adeus porque se completou a grande metamorfose: Filêmon foi transformado num enorme carvalho e Báucis numa frondosa tília. Suas copas e galhos se entrelaçaram no alto. E assim abraçados ficaram unidos para sempre. (BOFF, 2005 p, 78-84).

Acolher significa esvaziar-se de si mesmo e abrir-se ao outro sem reservas, oferecendo tudo que têm de melhor, como assim o fizeram Filêmon, “amigo e amável”, e ela Báucis, “delicada e terna”. O primeiro ato da acolhida foi acolher os pobres andarilhos da maneira como eles se encontravam, sem condição nenhuma, apenas a disposição de acolhê-los em sua humilde casa. A acolhida se torna real e visível quando saímos do nosso lugar e damos espaço ao outro. No mundo de hoje, diria que o primeiro passo para essa acolhida é parar e escutar o outro, não temos mais tempo, e por isso, a acolhida não passa de um bom dia, seja bem vindo, atos necessários também à condição humana, mas não se pode parar aí, é preciso ir até alcançar o outro de forma verdadeira e profunda.

Em tempos modernos é difícil acolhermos até quem conhecemos, e quase não se vê a aplicação do mito de Filêmon e Báucis nos dias de hoje. E mito não é utopia, é metáfora das verdades, assim eles conseguem chegar ao mais profundo da realidade. Entretanto, é preciso ter outras virtudes para tal ato acontecer, também necessárias à condição humana como a confiança, coragem, desapego, generosidade, humildade, misericórdia, paciência e sabedoria; sem elas não seremos capazes de exercer a virtude da acolhida. Mas se é virtude, já a possuímos, entretanto, está submergida por egoísmos, falta de sensibilidade e compaixão. Assim, a humanidade vai se tornando cada vez mais desumana.

“Pobres hospedam os pobres” (BOFF, 2005). Os pobres velhinhos foram capazes de acolher os desconhecidos, maltrapilhos e pobres cansados. Assim eles fizeram uso da virtude da hospitalidade. Assim também o fez Jesus. E assim também pede para o fazermos.

Para Francisco a Igreja é o lugar do acolhimento:

Jesus também apresentou quatro recomendações para a missão dos discípulos: *hospitalidade* (...), os discípulos e as discípulas não deveriam levar nada, nem mesmo duas túnicas (cf. Mt 10,9-10). *Partilha*: não deveriam ficar de casa em casa, mas hospedados na primeira casa em que fossem acolhidos, (...), (cf. Lc 10,7). *Comunhão de mesa*: deveriam comer o que o povo lhes oferecesse (cf. Lc 10,8) (...). *Acolhida dos excluídos*: por isso curavam os doentes, libertavam os possessos purificavam os leprosos (cf. Lc 10,9; Mt 10,8)”. (COMUNIDADE DE COMUNIDADES, *ibid*, p.46).

Essas virtudes sustentavam a vida dos discípulos de Jesus, e deve ser também a vida da missão da Igreja. Os fiéis precisam ser acolhidos assim como foram Júpiter e Hermes.

Para tanto, a Igreja precisa sempre está de portas abertas para acolher a todos, pois os homens:

Não precisam só de coisas, precisam sobretudo que lhes sejam propostos aqueles valores imateriais que são o coração espiritual de um povo, a memória de um povo (...): espiritualidade, generosidade, solidariedade, perseverança, fraternidade, alegria; trata-se de valores que encontram a sua raiz mais profunda na fé crista (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 15).

Os bons atos são essenciais a vida de todo ser humano e faz parte da condição humana. A generosidade significa, partilha, doação. Ela se torna plena quando somos capazes de doar a nós mesmos, o nosso tempo, um abraço, um ouvido sempre disposto a escutar.

Portanto, a Igreja como “totalidade do povo de Deus” é mãe também, a mãe gera, amamenta, cuida e os prepara para uma vida de dignidade, responsabilidade e de compromisso de uns para com os outros. Somos uma grande família, o que nos une é nossa humanidade e está pautada ou não em valores cristãos, deve correr nas veias o sangue da acolhida. Somente quando formos capazes de acolher o outro, temos condições de crescer na fé, na esperança e na caridade, pois:

Não é a cultura do egoísmo, do individualismo, que frequentemente regula a nossa sociedade, aquela que constrói e conduz a um mundo mais habitável; não é ela, mas sim a cultura da solidariedade; a cultura da solidariedade e ver no outro não um concorrente ou um número, mas um irmão. E todos nós somos irmãos! (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 31).

Essas três virtudes teológicas¹⁴, “fé”, “esperança” e “caridade”, são essências não só a vida dos cristãos, mas indispensáveis na vida de todo ser humano. Sendo todos irmãos e irmãs e nos tratando tal como, a cultura do individualismo tende a desaparecer, e aflora um mundo mais justo e solidário, aquele pregado por São Francisco de Assis e tão urgente e necessário a todo ser humano.

¹⁴ As virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para serem capazes de agir como seus filhos e merecer a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. (CIC, p. 1813)

4. PARÓQUIA ROSTO DA IGREJA

Tendo em vista que o processo de secularização diminuiu a influência da paróquia sobre o cotidiano das pessoas, há dificuldades para que seus membros se sintam participantes de uma autêntica comunidade cristã. Para tanto, cresce o desafio de renovar a paróquia em vista de sua missão já que: “Há séculos a paróquia tem sido a presença pública da Igreja nos diferentes lugares. (...) Sua configuração social, entretanto, tem sofrido profundas alterações nos últimos tempos” (Documento CNBB, 100, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, p. 11).

Por paróquia entende-se no geral que é uma subdivisão territorial de uma diocese, dentro da Igreja Católica Romana, a Comunhão Anglicana, a Igreja Ortodoxa Oriental, a Igreja da Suécia, a Igreja Presbiteriana (embora não possua governo episcopal) e de algumas outras igrejas. A palavra "paróquia" é também usada para se referir de um modo mais geral ao conjunto de pessoas que frequentam uma determinada igreja. Neste uso, uma paróquia é um ministro que serve uma congregação. Assim na Igreja Católica a definição de paróquia é dada pelo Código de Direito Canônico que declara: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano” (Cân. 515 § 1º). Determina ainda o Direito Canônico que “toda diocese ou outra Igreja particular seja dividida em partes distintas ou paróquias”. (Cân. 374 § 1º).

Em geral, as paróquias são circunscrições eclesiais territoriais que compreendem todos os fiéis de um determinado território. Entretanto, há também as chamadas paróquias pessoais que são constituídas em razão de rito, língua ou nacionalidade dos fiéis de um território (cf. Cân. 518). No magistério de João Paulo II “a comunhão eclesial, embora possua sempre uma dimensão universal, encontra a sua expressão mais imediata e visível na Paróquia: esta é a última localização da Igreja; é, em certo sentido, a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”.

Assim, o Papa Francisco está propondo uma nova visão do que seja paróquia que, para tanto, não é uma estrutura ultrapassada apenas, necessita sempre de renovação para se adequar aos novos modelos de sociedade, como é proposto na Exortação

Apostólica *Evangelii Gaudium*,¹⁵ onde propõe a revisão da situação atual da paróquia que, apesar de se parecer superada, “não é uma estrutura caduca, precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do pastor e da comunidade” (EG, n. 28). Assim, a Igreja não se mostra alheia à paróquia, tendo em vista sua importância, propõe uma renovação pastoral. Pois:

Constatou-se que a atual paróquia necessita de uma conversão pastoral. Para tanto, será necessário aplicar a eclesiologia proposta pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, consolidar a proposta do Documento de Aparecida e concretizar as diretrizes da CNBB que insistem na renovação paroquial. Contribuem também para essa reflexão os pronunciamentos do Papa Francisco quando visitou o Brasil por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, em 2013. Igualmente a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* faz indicações sobre um novo olhar e uma nova prática pastoral que incide diretamente sobre as comunidades. (COMUNIDADE DE COMUNIDADES, *ibid*, p. 13).

Assim, a Igreja se mostra pelo rosto da paróquia e esta precisa, corresponder aos apelos da sociedade vigente, que para tanto necessita do apoio e do empenho de toda a Igreja. E para se comunicar com o mundo atual precisa por em prática o que foi proposto desde o Concílio Vaticano II, onde a Conferência de Aparecida também reforçou a ideia de descentralização do poder para dar abertura ao povo enfatizando a Igreja como totalidade do povo de Deus. Entretanto, não veio a prática, porém o Papa Francisco retoma essas ideias e as atualizam para que a Igreja possa se tornar o lugar do encontro e da acolhida.

Os fieis necessitam sentir o abraço da mãe Igreja, precisa sentir a alegria, sabendo que: “A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre a casa da Mãe e pede: Mostrai-nos Jesus. É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E, por isso, a Igreja sai em missão sempre na esteira de Maria” (PAPA FRANCISCO, JMJ, 2013, p. 13). A mãe educa, cuida, alimenta e trata todos os seus filhos com igualdade, não cabendo, portanto, na Igreja qualquer espécie de preconceito ou exclusão, caso contrário, entra em contradição com sua própria espiritualidade mediante o que é proposto na doutrina, que seguindo o exemplo de Jesus “atrai a si os homens de cada geração: em todo o tempo ele convoca a Igreja confiando-lhe o anúncio do Evangelho, com um mandato que é sempre novo. Por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização” (CARTA APOSTÓLICA, *Porta Fidei*, 2012, p.

¹⁵ PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, de 24 nov. 2013.

10). (...). Tudo convém para redescobrir a alegria da fé, reencontrar o entusiasmo e comunicá-la ao mundo. Assim se segue na descoberta diária do seu amor.

O ato de abraçar significa também um ato de acolher e, sobretudo, compreender e está disponível ao outro. Ele pode significar muitas outras coisas; o perdão, uma alegria, um muito obrigado, um consolo. “Abraçar, abraçar. Precisamos todos de aprender a abraçar quem passa necessidade, como fez São Francisco” (PAPA FRANCISCO, JMJ, 2013, p. 19). Pois, “A nossa alegria cristã brota da fonte do seu coração transbordante. Ele promete aos seus discípulos: ‘ Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza há de converter-se em alegria’ (Jo 16,20).” (Evangelli Gaudium, 2013, p.7).

Assim, é preciso conservar a esperança nesse Jesus que atrai as gerações de cada tempo e em todo tempo, reforçando a ideia de discípulos e missionários. Portanto, “queridos irmãos e irmãs, sejamos luzeiros de esperança! Tenhamos uma visão positiva sobre a realidade. Encorajemos a generosidade” (...) (PAPA FRANCISCO, JMJ 2013, p. 15). Para que a Igreja se torne fonte de vida e de esperança para os homens que buscam nela o sentido de suas vidas, confiando-lhes a sua fé tão preciosa para dar prosseguimento a sua própria existência.

Assim, “não deixem que lhes roubem a esperança! Não deixem que lhes roubem a esperança! Mas digo também: Não roubemos a esperança, pelo contrário, tornemo-nos todos portadores de esperança”! (PAPA FRANCISCO, JMJ, 2013, p. 20).

4.1 EUCHARISTIA COMO ALIMENTO DA ALEGIA

Eucaristia em grego “eukharistía” "reconhecimento", "ação de graças". A Eucaristia é o centro da fé que congrega os cristãos do mundo inteiro. É, portanto um dos três sacramentos da iniciação cristã. Na Igreja católica existem para os que nela creem sete sacramentos sendo eles três que inicia o sujeito na vida eclesial, a saber: O Batismo, Eucaristia e Crisma. Sacramentos de cura: Unção dos enfermos e Confissão. E por último os sacramentos de serviço: Ordem e Matrimônio.

Para tanto, vemos que Francisco, vem inaugurando um tempo novo na Igreja com relação também as questões doutrinárias para ele o corpo de Cristo também é o corpo que sofre que padece. “vocês que são a carne de Cristo”. Hoje a Igreja precisa urgentemente abrir as portas para abraçar a todos e principalmente os que sofrem, os que não se sentem parte do corpo de Cristo. Conseqüentemente “as comunidades da

paróquia precisarão acolher a todos, em especial os moralmente perdidos e os socialmente excluídos” (Documento CNBB, 100, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, 2014, p. 144). Pois, o amor precisa ser radicado no amor a Deus e ao próximo aqui se dilata toda doutrina, regras e normas.

Deus ama a todos por igual chama de ternura, ama com amor de pai e sempre nos perdoa com filial afeição “Deus nunca se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia”. (PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 3). Alcançando o perdão de Deus podemos viver livremente provando da alegria da vida cotidiana, dessa vida que se revigora no convívio em comunidade provando a cada dia do alimento da alegria que guia os passos de cada um que se deixe renovar por ele e que busca incessantemente pela igualdade, fraternidade presente na vida de pequenas comunidades animadas pela chama da alegria vinda do próprio Deus que acolhe a todos e os chama a vivência em comunidade.

Entretanto o trabalho por uma Igreja inclusiva, alegre e acolhedora passa por todos aqueles que vivem o contexto eclesial já que o Papa Francisco não demonstra pretensão de dar uma resposta definitiva, ou completa a todos os problemas vigentes, mas sim iluminar e abrir caminhos para a Igreja nos próximos anos. Caminhos este já iluminado pelo concílio vaticano II, onde o povo se tornou parte fundamental na Igreja “Cristo é a cabeça e nós os membros”. Porém esse caminho ainda precisa ser a chave fundamental na vida da Igreja visto que o povo designado como totalidade do povo de Deus não têm a acolhida e a abertura necessária para percorrer essa estrada indicada. A vivência do que foi proposto no concílio é fundamental para o crescimento e o amadurecimento da Igreja, que para tanto não depende só do Papa mas de todos aqueles que formam o corpo eclesial, e assim sendo todo o corpo de Cristo.

Deste modo, “cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EVANGELII GAUDIUM, 2013, p. 21). Assim, começa o discurso do Primeiro Capítulo da Encíclica *Evangelii Gaudium*¹⁶ sair do conforto, da sala com ar condicionado e ir ao encontro do povo nas ruas quebrando as friezas da desigualdade, da falta de dignidade. “um só corpo, uma só alma e um só espírito”. A alegria do Evangelho é a alegria missionária.

Assim sendo, o alimento da Eucaristia precisa ser o alimento da alegria, não se pode excluir ninguém, todos são chamados a este mistério de amor que se derrama

¹⁶ Primeiro documento escrito pelo Papa Francisco que significa A Alegria do Evangelho.

sobre todos aqueles que o desejam. Deste modo, a Igreja apresenta-se diante deste novo desafio: alcançar a “totalidade do povo de Deus”, em uma sociedade tão fragmentada por diferentes ideologias. Assim, a eucaristia pode ser uma das ferramentas que unem todos ao redor da mesa. A mesa da partilha, da solidariedade, da fraternidade e da comunhão. Já que, “a solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada” (EVANGELII GAUDIUM, 2013, p. 156).

Portanto, a doutrina da Igreja precisa ser partilhada e não imposta como uma obrigação, ela não pode ser propriedade privada, mas sim, quando vivida em sua essência, aquela deixada pelo exemplo de Jesus Cristo, “amai-vos uns aos outros como eu vós amei” (Jo, 13, 34), esse é o mandamento do amor, e o resumo da lei, que, quando vivida no amor se torna um bem precioso a sociedade e, assim sendo, precisa ser derramada gratuitamente e livremente já que: “a Igreja não cresce por proselitismo, cresce por atração do testemunho alegre do anúncio de Cristo ressuscitado. (...) Sem este gozo, sem esta alegria não se pode fundar uma Igreja, não se pode fundar uma comunidade cristã. É uma alegria apostólica, que se irradia, que se expande”, assegurou o Pontífice durante a cerimônia realizada na igreja romana de Santo Inácio na missa em ação de graças pela canonização de São José de Anchieta em abril de 2014. Para tanto, precisamos criar o hábito da cultura do encontro. Evangelizar significa não impor ordens, preceitos, normas, mas sim apresentar algo apetecível. Precisa-se mostrar o lado religioso, cultural e humano que existe na religião.

Chamados a promover a cultura do encontro. Em muitos ambientes, infelizmente, ganhou espaço a cultura da exclusão, a “cultura do descartável”. Não há lugar para o idoso, nem para o filho indesejado; não há tempo para se deter com o pobre caído à margem da estrada. Às vezes parece que, para alguns, as relações humanas sejam regidas por dois “dogmas” modernos: eficiência e pragmatismo. Queridos Bispos, sacerdotes, religiosos e também vocês, seminaristas, que se preparam para o ministério, tenham a coragem de ir contra a corrente. Não renunciemos a este dom de Deus: a única família dos seus filhos. O encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade e a fraternidade são os elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana (PAPA FRANCISCO, JMJ, *ibid*, p. 52).

A Igreja como mãe, é partilhar o alimento da alegria que acontece no encontro. No encontro acontece a partilha, comunhão, a acolhida do outro como ele se encontra, e assim, os valores se misturam de solidariedade e responsabilidade de uns para com os outros. A verdadeira religião é essa que não exige cor, raça ou cultura, é nela que se potencializa as qualidades e se reavalia os defeitos.

O Budismo nos ensina algo belíssimo que se fala também no cristianismo; a compaixão, que não significa ter pena do outro, essa é uma visão turva. Compaixão era

a virtude pessoal de Buda¹⁷ e significa respeitar o outro e não invadir o espaço dele, deixar que ele seja. E se ele sofre, nunca deixa-lo só, porque o terrível do sofrimento não é o sofrimento, é a solidão do sofrimento. Então, é preciso oferecer o ombro, a mão, reconhecendo no outro sua semelhança. Ou a religião, começa esse cuidado como uma relação profundamente humana, ou o significado de ser religioso se torna cada dia mais psedoreligioso. Assim, o alimento da alegria se radica principalmente no acolhimento e na partilha.

¹⁷ Sidarta Gautama nasceu há cerca de 2.500 anos, filho único do grande rei Sudodana, de Kapilavastu, no norte da Índia. Ao crescer, interessou-se em descobrir a causa de todos os sofrimentos da vida. Tornou-se contemplativo, abandonou o belo palácio paterno e tornou-se um buscador da verdade. Tinha então 29 anos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Papa Francisco, um Papa ecumênico, que vive próximo ao povo, simples, amigo dos pobres, vem conseguindo ultrapassar as periferias existências tão presente na sociedade. Assim, Francisco I, representa um projeto de Igreja, um novo começo para a Igreja Católica, um pontificado presidido na caridade como ele mesmo fala. É aberto aos temas mais polêmicos da Igreja como; aborto, homoxessualidade, adoção de crianças por casais do mesmo sexo, essas questões eram fechadas, mas ele como Papa se abre a esse fato por ser sensível à realidade de cada um, conhece seus desafios e necessidades. Mas as mudanças que necessitam acontecer na Igreja não são transformações simples; elas são fruto de uma profunda mudança de mentalidade, o que demanda tempo e esforço, além de formação contínua e autêntica.

Assim sendo, é urgente hoje uma mudança de pensamento. Para muitos fiéis, a Igreja se tornou uma empresa prestadora de serviços religiosos em que se contrata o batismo, o casamento... Em que se vive a experiência religiosa, mas não a experiência de fé necessariamente. Essas ocorrências acabam por deixar as pessoas “engessadas”, impossibilitadas de crescer na fé, na esperança e na caridade, passos fundamentais para o crescimento social em busca da justiça, da solidariedade e da igualdade. Ver-se com indiferença o diferente. Parece obvio, mas não é! Nenhuma cultura é homogênea nem caminha pra ser. O ser humano só cresce através desse encontro com o diferente. Isso pode acabar deixando de lado o que o Papa Francisco chama de “Periferias”, onde é preciso acolher os afastados e cuidar dos doentes.

Portanto, é importantíssimo não esquecer que o mensageiro também é mensagem; que a instituição eclesial, em sua organização e estruturas, também é mensagem. Ser Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos, convidando os incluídos a comprometer-se com a inclusão dos excluídos. A missão, enquanto testemunho de Jesus que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza, passa pela vivência e testemunho de uma Igreja pobre, expressão da força e horizonte de credibilidade do Evangelho.

Assim sendo, não existe a verdadeira crença, esta se encontra sempre infiltrada da cultura e que por isso não pode ser rebaixada, mas sim explorada para que o homem se torne cada vez mais humano, e compassivo a dor e necessidades do seu semelhante. Essa é a verdadeira crença quando se é capaz de igualar os crentes em processos que

envolva os valores humanos como a solidariedade, compaixão, respeito, igualdade e principalmente o amor, que se radica na alegria do encontro.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo – **Virtudes para um outro mundo possível**, vol I: hospitalidade: direito e dever de todos. Petrópolis, Rj. Vozes, 2005.

BOFF, Leonardo – **São Francisco de Assis: ternura e vigor**. Vozes, 1981.

Catecismo da Igreja Católica. Città del Vaticano/Petrópolis: Libreria Editrice Vaticana: Vozes, 1993.

CARTA APOSTÓLICA – **Porta Fidei (A Porta da Fé)**. São Paulo. Paulus, 2012.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO 1983. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

COMUNIDADES DE COMUNIDADES: Uma nova paróquia. **Documento 100 – CNBB**. 2014.

DOCUMENTO DE APARECIDA - **Texto concluído da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo. Paulinas, Paulus e CNBB, 2007.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA – **Evangelii Gaudium (A Alegria do Evangelho)**. São Paulo. Paulinas, 2013.

HIMITIAN, Evangelina – **A vida de Francisco: o papa do povo**. 1. Ed. Rio de Janeiro. Objetiva, 2013.

MOURA Ferrater - **Dicionário de Filosofia**. Ed. Loyola, 2001.

MORIN, Edgar – **A Vida das Ideias**. Método 4, 2005.

PAPA FRANCISCO NO BRASIL - **Viagem Apostólica ao Rio de Janeiro por ocasião da XXVIII Jornada Mundial Da Juventude**. Rio de Janeiro, 2013.

PAULO VI, Carta Encíclica, *Mysterium Fidei*: AAS 57 (1965).

CELAM. Episcopado Latino Americano Conferencias Generales. **Rio de Janeiro, Medellin, Puebla, Santo Domingo**. 1. ed. Documentos pastorales introducion. Textos, índice temático. Santiago do Chile: San Pablo, 1993.

CNBB. **Santo Domingo IV Conferência do Episcopado Latino-Americano:** Nova Evangelização Promoção Humana Cultural Cristã. Petrópolis: Vozes, 1993

<http://www.significados.com.br/dogma/> acesso em 10/11/2014

<http://www.brazilsite.com.br/religiao/catolica/cat02.htm/> acesso em 02/12/14

<http://wiki.cancaonova.com/index.php/Conclave/> acesso em 02/12/14

<http://www.amoranossasenhora.com.br/> acesso em 20/12/2014

<http://pt.euronews.com/2013/03/16/francisco-uma-igreja-pobre-para-os-pobres/>
acesso em 09/12/2014